



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Mortalidade materna: como reduzir?

A mortalidade materna é um dos indicadores mais sensíveis da qualidade da assistência à saúde e do respeito aos direitos das mulheres. No Brasil, apesar dos avanços nas últimas décadas, os números ainda são alarmantes. Segundo dados do Governo Federal, foram registradas 1.184 mortes maternas em 2024; 1.319 em 2023; 1.316 em 2022; 3.025 em 2021 e 1.964 em 2020. O pico em 2021 reflete, sobretudo, o impacto da pandemia da Covid-19, mas os dados revelam também a necessidade de esforços contínuos para garantir gestação e parto seguros.

Mortalidade Materna no Brasil:

- **2020: 1.964**
- **2021: 3.025**
- **2022: 1.316**
- **2023: 1.319**
- **2024: 1.184**

Fonte: Governo Federal

Rede Alyne: nova estratégia para salvar vidas

Diante desse cenário, o Governo Federal lançou em 2024 a Rede Alyne, programa que reestrutura a antiga Rede Cegonha e tem como meta reduzir em 25% a mortalidade materna no país até 2027. A Rede Alyne presta homenagem a Alyne Pimentel, jovem que perdeu a vida e a de seu bebê por desassistência, em 2002, e cujo caso levou à primeira condenação internacional do Brasil por violação dos direitos humanos de uma mulher grávida. O novo programa traz inovações importantes, como a integração efetiva entre as maternidades e as equipes da Saúde da Família, a qualificação de profissionais para o atendimento obstétrico e o fortalecimento da regulação do SUS para garantir atendimento rápido e digno às gestantes, principalmente entre a população em maior vulnerabilidade social.

O papel da Pastoral da Criança na prevenção da mortalidade materna

Com uma trajetória de compromisso com a vida, a Pastoral da Criança também atua de forma decisiva para ajudar a reduzir a mortalidade materna. Como destaca a coordenadora nacional, Maria Inês Monteiro de Freitas, “os líderes da

Pastoral da Criança orientam as gestantes sobre a importância do pré-natal, o parto e o pós-parto e, em cada visita domiciliar, conversam sobre os sinais de alerta que precisam de atendimento imediato para salvar vidas. Também participamos de Conselhos de Saúde, comitês de prevenção da morte materna e atuamos na defesa de políticas públicas que contribuam para a proteção das mulheres”. Para a Pastoral da Criança, cuidar da saúde das gestantes é parte essencial de sua missão de promoção da vida.

Entrevista especial: como prevenir e agir

Para aprofundar esse tema tão urgente, convidamos você a ler ou ouvir a entrevista completa com o Dr. Renné Cosmo da Costa, conselheiro do Conselho Federal de Enfermagem e coordenador da Câmara Técnica Nacional de Enfermagem em Saúde da Mulher. Na entrevista, ele fala sobre as principais causas da mortalidade materna, as estratégias de prevenção, a importância da Rede Alyne e o que cada gestante e a sociedade podem fazer para mudar essa realidade.

ENTREVISTA COM: Dr. Renné Cosmo da Costa, Enfermeiro, conselheiro do Conselho Federal de Enfermagem e coordenador da Câmara Técnica Nacional de Enfermagem em Saúde da Mulher.

Dr. Renné, a taxa de mortalidade materna tem aumentado consideravelmente nos últimos anos no Brasil, principalmente entre mulheres negras. Por que está acontecendo isso, Dr. Renné?



DR. RENNÉ: Infelizmente, no Brasil, muitas mulheres, especialmente as mulheres negras, ainda enfrentam enormes barreiras para acessar serviços de saúde de qualidade. A mortalidade materna está diretamente relacionada ao racismo estrutural, que dificulta o acesso a um pré-natal adequado, a um atendimento rápido em emergências obstétricas e a uma assistência pós-parto de qualidade. Além disso, fatores sociais como a pobreza, a falta de informação adequada sobre saúde reprodutiva e o preconceito dentro das unidades de saúde acabam atrasando a busca por atendimento, agravando condições que poderiam ser facilmente tratadas se identificadas a tempo.

Dr. Renné, que metas estão sendo implementadas para tentar reduzir os índices de mortalidade materna?

DR. RENNÉ: Várias iniciativas importantes estão sendo colocadas em prática. Recentemente, o Ministério da Saúde lançou a Rede Aline, com o objetivo de reduzir em 25% a mortalidade materna até 2027, estabelecendo uma meta especial de diminuição de até 50% entre mulheres negras no país. Para alcançar esses resultados, estão sendo realizadas ações práticas, como a ampliação da qualidade do pré-natal, o fortalecimento da integração entre unidades básicas de saúde e maternidades, além de investimentos em centros especializados de parto, qualificação dos profissionais para um atendimento humanizado e, principalmente, o combate direto ao racismo institucional, por meio de políticas afirmativas de inclusão e equidade dentro do SUS.

Quais são as principais causas da mortalidade materna?

DR. RENNÉ: As principais causas da mortalidade materna estão diretamente relacionadas a complicações na gestação e no parto. Entre elas, destacam-se as síndromes hipertensivas, como pré-eclâmpsia e eclâmpsia, as hemorragias intensas após o parto, as infecções no pós-parto e as complicações decorrentes de abortos inseguros. Há também causas indiretas, igualmente importantes, como doenças prévias da gestante que se agravam durante a gravidez, a exemplo da diabetes e das doenças cardíacas. Mais recentemente, doenças infecciosas, como a própria Covid-19, infelizmente se tornaram causas relevantes de mortalidade materna no Brasil.

Dr. Renné, o que cada gestante pode fazer para prevenir complicações e morte?

DR. RENNÉ: O primeiro passo essencial é iniciar o pré-natal assim que souber da gestação e seguir rigorosamente as consultas indicadas, realizando todos os exames e tomando as vacinas recomendadas. Manter uma alimentação equilibrada, tomar as vitaminas prescritas, como ácido fólico e ferro, evitar o consumo de álcool e cigarro, praticar atividades físicas leves com orientação profissional e descansar adequadamente também são medidas fundamentais. Além disso, é importante estar atenta aos sinais de alerta e buscar atendimento imediato caso apareçam sintomas preocupantes.

Dr. Renné, o que é a Rede Alyne e o que ela faz para a redução da mortalidade materna?

DR. RENNÉ: A Rede Alyne é uma estratégia lançada em 2024 pelo Ministério da Saúde, em homenagem a Alyne Pimentel, uma jovem negra que infelizmente faleceu por falta de atendimento adequado durante a gravidez. O objetivo da Rede é justamente evitar que histórias como a de Alyne se repitam pelos rincões do Brasil. Para isso, a estratégia fortalece a integração entre unidades básicas de saúde e maternidades, assegura atendimento prioritário e humanizado às mulheres — especialmente às mais vulneráveis — e cria um sistema ágil de regulação, para que nenhuma gestante precise peregrinar em busca de vagas em hospitais. Além disso, a Rede Alyne amplia os investimentos em exames, qualifica

o pré-natal e reforça o atendimento especializado durante emergências obstétricas.

Dr. Renné, como o trabalho da Rede Alyne está alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU - Organização das Nações Unidas?

DR. RENNÉ: A Rede Alyne está diretamente alinhada aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, especialmente ao objetivo número 3, que trata da saúde e bem-estar, estabelecendo como meta a redução das mortes maternas evitáveis em todo o mundo até 2030. Ela também se conecta ao ODS 5, sobre igualdade de gênero, ao garantir o direito das mulheres a uma assistência digna e segura durante a gestação e o parto. Além disso, a Rede Alyne está alinhada ao ODS 10, que busca a redução das desigualdades, atuando para diminuir as disparidades raciais e regionais no acesso aos serviços de saúde e assegurando que todas as mulheres tenham o mesmo direito à vida e a uma saúde de qualidade.

O que é necessário para ter uma gestação segura, Dr. Renné?

DR. RENNÉ: Uma gestação segura começa com educação, formação de qualidade e acolhimento. É fundamental que a mulher tenha acesso precoce ao pré-natal, que deve ser realizado de forma regular, com a realização de exames laboratoriais e ultrassonografias ao longo de toda a gestação. Também é essencial cuidar da nutrição, receber todas as imunizações necessárias, evitar hábitos prejudiciais, como o fumo, o consumo de álcool e a automedicação. Além desses cuidados, é crucial que a gestante seja acolhida em um ambiente seguro, livre de violência obstétrica, onde possa se sentir à vontade para comunicar qualquer sintoma ou preocupação ao profissional de saúde que a acompanha.

Dr. Renné, quais são os sinais de alerta a que a gestante deve ficar atenta e procurar o Serviço de Saúde, já que as mulheres estão chegando tarde?

DR. RENNÉ: Ela deve procurar atendimento imediatamente se apresentar sinais como dor de cabeça forte associada à visão turva ou embaçada, sangramento vaginal intenso, dor abdominal intensa que não melhora, febre alta persistente, inchaço repentino nas mãos, pés ou rosto, falta de ar grave, convulsões ou redução drástica dos movimentos do bebê. Reconhecer e agir rapidamente diante desses sintomas pode literalmente salvar a vida tanto da mulher quanto do bebê.

Dr. Renné, o senhor teria mais alguma orientação que gostaria de acrescentar sobre esse tema?

DR. RENNÉ: Eu acredito que a principal orientação é que todos nós, enquanto sociedade, precisamos entender que cuidar da saúde materna é cuidar do nosso futuro. A gestação não é uma doença, mas exige atenção, acolhimento e cuidados específicos. É responsabilidade de todos os envolvidos — profissionais, gestores e a própria sociedade — garantir que cada mulher seja tratada com respeito, dignidade e segurança durante toda a gestação. A mensagem principal que quero deixar é: cuidar bem das mulheres gestantes é uma questão ética, social e de cidadania.

(MENSAGEM) Maria Inês Monteiro de Freitas, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança, também participa do programa de hoje.

Maria Inês, o que a senhora tem a dizer sobre esse tema que estamos abordando, que é a Mortalidade Materna?

MARIA INÊS: A mortalidade materna ainda é muito alta no Brasil, especialmente nas regiões mais distantes e sem acesso rápido e de qualidade aos serviços de saúde. Os líderes da Pastoral da Criança se esforçam, de várias maneiras, para ajudar a prevenir essas mortes: eles orientam as gestantes sobre a importância do pré-natal, orientam para o parto e o pós-parto e, em cada visita domiciliar, conversam sobre os sinais de alerta que podem acontecer na gestação e que precisam de atendimento imediato, para salvar a mãe e o bebê. A Pastoral da Criança também marca presença nos Conselhos de Saúde, Comitês de Prevenção da Morte Materna e também conta com a forte ação de seus articuladores, que reivindicam políticas públicas adequadas para ajudar na prevenção dessas mortes evitáveis. A Pastoral da Criança é a pastoral da vida. Por isso, lutar pela vida de mães e crianças é a nossa missão.



(TESTEMUNHO) Célia Cristina Cordeiro, Líder da Pastoral da Criança na Paróquia São Camilo de Lelis, da cidade de Americana, diocese de Limeira, e Coordenadora da Pastoral da Criança do Núcleo Campinas, São Paulo.

Célia, como a Pastoral da Criança colabora na prevenção da mortalidade materna?

CELIA: Os líderes da Pastoral da Criança visitam mensalmente as gestantes da comunidade em que atuam, orientando sobre a importância de realizar o

pré-natal com todas as consultas e fazer todos os exames necessários. Conversam também sobre os sinais de risco durante a gestação, o plano de parto, o parto e o pós-parto. A cada três meses, realizam nas comunidades o mutirão em busca das gestantes, uma ação que visa identificar, cadastrar e acompanhar as gestantes desde o início da gravidez.

(MENSAGEM) Dom Frei Severino Clasen, Arcebispo de Maringá, Paraná e Presidente da Pastoral da Criança.

DOM FREI SEVERINO: A mortalidade materna ainda é um grande desafio de saúde pública, um tema doloroso para muitas famílias. A Pastoral da Criança é um dos organismos de ação social da Igreja, responsável por ajudar a prevenir mortes maternas por meio de seus líderes ao fazerem as visitas domiciliares, orientando sobre os cuidados das gestantes durante o pré-natal, o nascimento e o período do pós-parto. A prevenção da morte materna está muito ligada também à questão das políticas públicas, que vai desde a atenção primária até a atenção especializada e ao serviço de alta complexidade.

